

JB
25/4/97 Pg 3
Xavante geral

246

Um sem-terra e um xavante no Planalto

Brasília — Fotos de Arnildo Schulz

Luciano e Temrite trazem para Brasília os pedidos de sua gente

CLARISSA ROSSI

BRASÍLIA — Os sem-terra e os índios xavantes acordam sempre antes da seis da manhã, em pontos diferentes de Brasília, para onde os dois grupos trouxeram suas reivindicações ao governo federal. Embora vindos de ambientes distintos, eles levam na capital uma vida bem parecida, enquanto aguardam a resposta a seus pedidos.

O sem-terra Luciano Mendes continua assistindo às aulas todas as manhãs, como fazia em Querência do Norte (PR). Temrite Wadzatse, ao invés de participar das reuniões do Movimento da Juventude Xavante, na reserva São Marcos (MT), vai para a sede da Fundação Nacional do Índio (Funai) defender os pleitos de sua tribo. Luciano quer reforma agrária e melhoria do ensino e do atendimento médico em sua reserva.

Em Brasília, Luciano não cuida da pequena plantação de feijão, milho, arroz e hortaliças mantida pelas 20 famílias que vivem com ele no acampamento em Querência do Norte. Mas todas as tardes parti-



Luciano tem convicção de que não será sempre um sem-terra



Temrite diz que luta para que seus filhos vivam com dignidade

cipa de atos organizados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Temrite também abandonou temporariamente as traduções que fazia do português para a língua dos xavantes, que lhe rendiam um salário mínimo mensal. Foi com esse dinheiro que comprou a pas-

sagem de ônibus até Brasília, onde se hospeda junto com mais 25 índios numa pensão paga pela Funai. Luciano veio a pé para Brasília na marcha dos sem-terra e vive no acampamento com 1.800 companheiros.

O acampamento recebe diariamente

doações de alimentos, que até agora, segundo um dos coordenadores do MST, Gilberto Pontes Oliveira, têm sido suficientes. As três refeições diárias dos xavantes estão incluídas na diária da pensão. Luciano diz que não tem nenhum gasto extra, já que não sai do acampamento. Temrite vai,

às vezes, com outros xavantes à lanchonete da Igreja Dom Bosco, perto da pensão. Os refrigerantes — os xavantes dizem que não tomam bebida alcoólica — são pagos com a venda de artesanato da tribo.

A televisão é o divertimento das noites no acampamento dos sem-terra e na pensão dos xavantes. Mas Temrite também dedica algumas horas para discutir os problemas de sua tribo com os outros xavantes que estão em Brasília. Luciano reserva as aulas da manhã para as discussões, e à noite apresenta teatro e mímica para os acampados no Grande Circular.

O filho de um agricultor que perdeu suas terras e o neto do cacique de uma tribo que há muito vê seu território diminuir cada vez mais, o primeiro com 27 anos e o segundo com 22, têm em comum a esperança. “Dizem que os xavantes são pídões. Mas calados não vamos conseguir nada. É preciso lutar e protestar para que nossos filhos vivam melhor”, diz Temrite. “Por que nossa luta? Por que também somos contra a venda da Valé (Companhia Vale do Rio Doce)? Porque somos brasileiros, temos direitos e deveres. Afinal, não vamos ser sempre sem-terra”, acredita Luciano.